

CARACTERÍSTICAS FUNDAMENTAIS DO PROCESSO MNEMÔNICO DA ORALIDADE PRIMÁRIA¹⁰

José Mario Botelho (UERJ)

botelho_mario@hotmail.com

Noelle Castro Ferreira (UERJ)

1. Introdução

Vários são os estudos linguísticos que comparam a linguagem falada e a linguagem escrita de indivíduos que sabem ler e escrever, sob uma pseudoperspectiva do letramento. Tais pesquisas tinham por objetivo saber se tais modalidades da língua eram iguais ou diferentes.

Atualmente, outros estudos chegam a comparar a oralidade de analfabetos com a oralidade de indivíduos alfabetizados e com a escrita, também tendo o letramento como *leitmotiv*.

Porém, somente a partir dos estudos de Chafe (1987) e, mais tarde, de Botelho (2002), foi possível constatar que a oralidade e a escrita são semelhantes, visto que tais modalidades não são estanques, embora possuam particularidades e se distingam quanto aos seus processos de produção.

Para se chegar a essa conclusão, Chafe (*Op. cit.*) comparou textos, de natureza prototípica, da oralidade e da escrita, produzidos por acadêmicos (professores e alunos de Universidade dos Estados Unidos) durante um determinado tempo.

Considerando o artigo acadêmico como protótipo da escrita e a conversação, o protótipo da oralidade, colocou-os nos extremos de um *continuum* tipológico. Logo, no extremo de uma linha contínua colocou o protótipo da escrita (o artigo acadêmico) e no outro extremo, o texto escrito que mais se distancia do seu protótipo (carta familiar ou bilhete); num extremo de uma linha paralela, o protótipo da

¹⁰ O texto foi apresentado na III Jornada Nacional de Linguística e Filologia da Língua Portuguesa, promovido pelo CIFEFIL, em 2008.

oralidade (a conversação espontânea) e no outro, as conferências e palestras proferidas pelos acadêmicos.

Botelho, por sua vez, comparou dez narrativas gravadas por dez alunos de 5^a série do Ensino Fundamental (EF) e outras dez, de alunos de 1^a série do Ensino Médio (EM) do Colégio Pedro II (Unidade Humaitá), com as versões escritas, elaboradas poucos dias após a gravação daquelas narrativas.

Três anos depois, quando os alunos de 5^a série do EF estavam na 8^a, e os da 1^a série do EM estavam na 3^a.

Analisando aquelas narrativas sob a perspectiva do letramento, Botelho considerou os produtos dos alunos da 5^a série oralidade e escrita de pré-letramento e os das outras séries, oralidade e escrita de pós-letramento, já que as técnicas de elaboração de textos escritos são sistematizadas na 5^a série do EF naquele Colégio.

Decerto, em virtude das influências que uma modalidade da língua exerce sobre a outra nos diversos estágios de suas práticas, mais semelhanças do que diferenças foram constatadas naquelas narrativas, com o predomínio de uma modalidade sobre a outra nos vários estágios de letramento.

Logo, é um fato a semelhança entre a oralidade e a escrita, não só porque ambas têm a mesma fonte para as suas produções, mas, sobretudo, porque são duas interligadas práticas sociais fundamentais do homem moderno.

Não obstante, tal fato não é exatamente o objetivo deste artigo, que pretende apresentar aos interessados em assuntos sobre a linguagem humana as particularidades dos processos mnemônicos dos membros das sociedades antigas, quando ainda não se praticavam a escrita, uma vez que ela não existia entre eles.

Aquelas comparações entre oralidade e escrita, e até mesmo essas desenvolvidas por Chafe e por Botelho, não procuraram observar a oralidade dessas sociedades da Antiguidade.

Apenas recentemente, estão sendo desenvolvidas pesquisas, cujos objetivos são identificar uma cultura oral anterior ao advento da escrita, buscando diferenciá-la da cultura escrita.

Tais pesquisas partem do princípio de que há uma grande diferença entre a oralidade dos membros de uma cultura oral e a oralidade de membros de uma cultura escrita (alfabetizados e analfabetos), porquanto a escrita inaugura um novo homem, que pensa e age de forma diferente daquele da pré-história. Ou seja, com o advento da escrita as sociedades passam por um grande processo de transformação, uma vez que adquirem outra forma de comunicação e expressão do pensamento, sua oralidade ganha um novo perfil, e nelas se instauram processos de mudanças sociais, cognitivas e comunicativas.

Assim, a prática oral da Antiguidade será considerada neste trabalho uma oralidade primária, conforme a caracterizou Ong (1982), a qual se distingue da oralidade secundária – prática oral da modernidade.

De fato, a linguagem utilizada pelos membros das comunidades da Antiguidade se caracterizava pelo total desconhecimento da escrita e de tudo que a cultura escrita – cultura de oralidade secundária – pode proporcionar aos seus usuários, sendo, pois, essencialmente de cultura primária.

Consideramos uma realidade a distinção entre oralidade primária e oralidade secundária, a partir de suas características particulares. Esses dois tipos de oralidade se distinguem no estilo de comunicação, na estrutura e extensão sintática, na sua psicodinâmica em si, e, mormente, na forma de memorização.

Sendo assim, o presente trabalho basear-se-á principalmente nos estudos de Ong (*Op. cit.*), a fim de tentar caracterizar uma oralidade primária, refletindo acerca dos seus processos mnemônicos.

2. Oralidade primária e oralidade secundária

Houve um tempo em que a escrita era considerada como um mero complemento da oralidade. Os estudiosos, de fato, concebiam a escrita como mais uma modalidade a serviço de alguns usuários, os que aprendiam a escrever, e não como um elemento transformador da verbalização em si. Concebia-se, pois, a escrita como mais uma ferramenta à disposição do homem para que ele exprima as suas ideias e se comunique conveniente.

Logo, não se atribua à escrita o caráter de fenômeno transformador das expressões do pensamento e da comunicação, que, além de serem um produto físico, é também o resultado de um processo psíquico.

Ong (*Op. cit.*) reflete em seus estudos sobre a importância do advento da escrita no mundo e, mormente, sobre as suas consequências. Também identifica a oralidade primária e a secundária, analisando as características distintas entre elas. Na oralidade primária, os falantes desconhecem a escrita ou a impressão, e por isso não foram afetados por estas; na oralidade secundária – típica das sociedades contemporâneas –, a sua efetivação depende da escrita e da impressão

Portanto, a oralidade primária era a oralidade da Antiguidade. Os membros daquelas sociedades utilizavam uma linguagem essencialmente oral e de cultura primária, uma vez que os mesmos desconheciam totalmente a escrita. Dessa forma, tais indivíduos praticavam uma oralidade primária, pois não haviam sido afetados pela escrita.

Já atualmente, nas sociedades contemporâneas – escolarizadas, industrializadas e marcadas pelo conhecimento científico-tecnológico e pelos meios de comunicação de massa –, outro tipo de oralidade é desenvolvido. Ou seja, tais sociedades praticam não mais uma oralidade essencialmente de cultura oral, e logo primária, mas sim uma oralidade secundária, com uma cultura fundamentalmente escrita.

(...) designo como “oralidade primária” a oralidade de uma cultura totalmente desprovida de qualquer conhecimento da escrita ou da impressão. É “primária” por oposição à “oralidade secundária” da atual cultura de alta tecnologia, na qual um nova oralidade é alimentada pelo telefone, pelo rádio, pela televisão ou por outros dispositivos eletrônicos, cuja existência e funcionamento dependem da escrita e da impressão.” (ONG, 1988, p. 19)

Ong acrescenta que a cultura oral primária praticamente não existe, uma vez que o conhecimento da escrita está bastante difundido e praticamente todas as sociedades já sofreram seus efeitos. Dessa forma, atualmente, mesmo as sociedades ágrafas não desenvolvem uma oralidade primária, visto que apesar de não possuírem uma técnica de escrita tem conhecimento de que muitas sociedades a praticam e por isso sofreram mudanças.

O autor observa, ainda, que é muito difícil para os membros de uma cultura escrita, imaginar de maneira precisa como era o funcionamento de uma sociedade de oralidade primária, cultura essa to-

talmente desprovida da escrita, visto que a prática da escrita já está totalmente incorporada por tais indivíduos. Sendo assim, o estudo acerca dessa oralidade anterior à escrita torna-se difícil.

Contudo, a partir dos estudos de Milman Parry (**In:** ADAM PARRY, 1971 *apud* ONG, *op. cit.*), concluídos por Lord (1960 e 1975 *apud* ONG, *op. cit.*) após a morte prematura daquele, sobre a linguagem de Homero e sobre a autoria de seus dois poemas, que só nos chegaram por volta do Séc. VIII a. C. pela pena de Pisístrato, foi possível refletir sobre uma oralidade primária.

Embora a distinção entre modos orais e modos escritos de pensamento e expressão nos tenha chegado pelos estudos literários de Parry e de Lord, alguns estudiosos em Linguística Aplicada e Sociolinguística trataram da questão, citando Parry e Lord, como se pode confirmar nas obras citadas (LORD, 1960 e 1975; HAVELOCK, 1963; e PARRY, 1971 *apud* ONG, *op. cit.*).

Também convém ressaltar que a questão foi discutida por antropólogos: em Lévi-Strauss (1966) e em Goody & Watt (1968), há elementos importantes para a delimitação do tema.

3. Diferentes pontos de vista acerca da questão homérica

Nos últimos dois milênios a questão homérica foi estudada de diversas formas, havia alguns estudiosos que pensavam que Homero não sabia escrever, e outros, como o filósofo italiano Giambattista Vico, que acreditavam que o mesmo nunca existiu, e que “os poemas épicos homéricos constituíam, de certa forma, criações de todo um povo” (*Idibidem*, p. 28).

Por outro lado, Robert Wood, por exemplo, acreditava que Homero existiu, mas não era letrado. De acordo com tal autor, os poemas homéricos eram fruto do poder da memória, e por isso o mesmo sugere que “a memória exercia um papel muito diferente na cultura oral daquele que exercia na cultura escrita” (*Idibidem*, p. 28).

No século XIX os chamados analistas acreditavam que os poemas de Homero eram combinações de outros poemas e de fragmentos mais antigos e com isso buscavam estudar como havia sido feita tal criação.

Segundo Adam Parry eles (os analistas) haviam sido perseguidos pelos unitaristas que defendiam a ideia de que a *Iliada* e a *Odisseia* eram criações de um único homem, pois tais obras eram muito bem estruturadas e coerentes. No entanto, tais pensamentos sofreram algumas mudanças com a descoberta de Milman Parry, cuja reflexão acerca das obras homéricas serve até hoje como subsídio para estudos sobre os modos orais de pensamento e expressão.

4. Os estudos de Milman Parry

Como observado por Ong, o axioma fundamental do pensamento de Parry já tivera sido apresentado anteriormente:

(...) a subordinação da escolha dos vocábulos e das formas vocabulares à forma do verso hexâmetro [oralmente composto]’ nos poemas homéricos (Adam Parry, 1971, p. xix), fora antecipada na obra de J. E. Ellendt e H. Düntzer. (*Idibidem*, p. 29).

Ong ressalta que outros elementos do pensamento de Parry também tiveram sido abordados por outros estudiosos: Arnold van Gennep já tratara da estruturação formular daquela poesia; M. Murko, da memória de estruturas longas; e diferenças nítidas entre a oralidade dessas culturas e a escrita já tivera sido estabelecida pelo padre jesuíta Marcel Jousse.

No entanto, embora esses tivessem sido os precursores, a visão de Parry era inédita, pois aparentemente ele não tinha conhecimento daqueles estudiosos no início de seus estudos.

Analisando a estrutura e o vocabulário das obras *Iliada* e *Odisseia* Milman Parry percebeu que no decorrer de tais poemas há uma grande repetição não apenas de expressões, mas também de versos inteiros.

Um estudo detalhado do tipo do que Milman Parry estava fazendo mostrou que ele repetia fórmula após fórmula. (...) Homero costurava partes pré-fabricadas. Em vez de um criador, tinha-se um operário de linha de montagem. (*Idibidem*, p. 32)

Ele chegou à conclusão, então, que em suas criações Homero havia utilizado fórmulas, i. é, “um grupo de palavras que é regularmente empregado sob as mesmas condições métricas para exprimir uma determinada ideia essencial” (*Idibidem*, p. 34).

Com o desenvolvimento posterior dos estudos de Parry, percebeu-se que apenas uma pequena parte da *Iliada* e da *Odisseia* não era constituída por fórmulas. E, além disso, tais criações poéticas também giravam em torno de temas padronizados (tais como o exército, e o desafio).

Tais procedimentos utilizados por Homero em suas criações são desvalorizados e até recriminados em sociedades quirográficas e tipográficas. Nestas, as composições literárias não devem ser compostas por frases feitas, por estruturas pré-formuladas, ou seja, o uso de clichês é totalmente desvalorizado.

Baseados na análise de Milman Parry sobre as obras homéricas, outros estudiosos desenvolveram seus estudos, como Albert B. Lord e Eric A. Havelock. Nesses estudos, a oposição entre a cultura oral e a cultura escrita é enfatizada e se torna inquestionável.

De acordo com este, a oralidade presente nas narrativas épicas seria uma característica de toda cultura grega antiga oral, e, além disso, tal autor acredita que a escrita provocaria uma reestruturação do pensamento.

No entanto, o processo de tal reestruturação é paulatino, uma vez que não se dá tão logo a escrita se torna conhecida. Mesmo com a chegada da escrita, e por conseguinte a inauguração da cultura escrita, a cultura oral persiste como uma herança cultural advinda da Antiguidade. Por isso, em algumas culturas escritas da Antiguidade a poesia escrita se caracterizava por um estilo formular.

Sendo assim, é possível perceber, que “o estilo formular caracteriza não apenas a poesia como também mais ou menos todo o pensamento e expressão na cultura oral primária” (*Idibidem*, p. 36).

A compreensão dessas características da oralidade primária nos permite compreender um pouco melhor como era uma cultura oral, de modo que se torna possível a reflexão sobre seu processo de memorização de conhecimento.

5. *A oralidade primária e seu processo mnemônico*

Convém ressaltar a reflexão de Ong sobre a importância do advento da escrita, e sobre as consequências de sua introdução em uma sociedade de cultura oral primária.

O autor analisa as características distintivas entre a oralidade primária e a oralidade secundária, ressaltando que na cultura de oralidade primária os falantes não foram afetados pela escrita nem pela impressão, uma vez que não as conhecem.

Caracteriza a cultura de oralidade secundária como a cultura das sociedades contemporâneas (escolarizadas, industrializadas e marcadas pelo conhecimento científico-tecnológico e pela presença dos meios de comunicação de massa), cujo funcionamento depende da escrita e da impressão, uma vez que tais práticas sociais já foram completamente interiorizadas.

De acordo com Ong, embora aprendessem muito e logo possuísem uma sabedoria considerável, os membros de culturas orais primárias não estudavam, visto que o estudo se caracteriza por uma análise ampla e sequencial, que só é possível com a realização física de um elemento palpável como o é o texto escrito. Eles “estudavam” com a fala, que se forma com o som, que é um evento – realização fugaz, passageira, que tão logo se inicia e já deixa de existir.

Sendo assim, os praticantes de oralidade primária aprendem através da prática, convivendo com pessoas mais experientes, a partir das quais o conhecimento é transmitido. Ou seja, o conhecimento era transmitido oralmente, através da interação social, diferentemente das sociedades contemporâneas, cujos membros podem reunir conhecimento de outras formas, visto que existem vários elementos tecnológicos, que transmitem conhecimento, à sua disposição.

Eles (os membros da cultura primária) aprendem pela prática (...); aprendem ouvindo, repetindo o que ouvem, dominando profundamente provérbios e modos de combiná-los e recombiná-los, assimilando outros materiais formulares, participando de um tipo de retrospectiva coletiva – não pelo estudo no sentido restrito. (*Idibidem*, p. 17)

Numa sociedade de cultura oral primária, um conhecimento deveria fazer sentido em suas situações práticas, isto é em suas situações diárias, e a partir do momento em que um dado conhecimento perdesse seu significado social ele era esquecido. Dessa forma, Ong

afirma que a oralidade primária apresenta-se próxima ao cotidiano da vida humana, desenvolvendo um pensamento situacional.

Em tais sociedades o único modo de retenção de conhecimento era por meio da repetição e da memorização, que constituíam elementos de extrema importância em tais culturas. Sendo assim, um pensamento uma vez adquirido deveria ser repetido várias vezes para ser memorizado e não se perder.

Como concluído por Parry, a oralidade primária era repleta de estruturas formulares, i. é, formas pré-elaboradas e fixas. E, além destas, havia outros elementos que auxiliavam a retenção e a recuperação de um conhecimento, como ritmos, antíteses e assonâncias.

Devido a essa necessidade de memorização, as culturas orais primárias possuíam uma economia de palavras, para facilitar tal processo. Sendo assim, a oralidade primária era constituída por uma gramática pouco elaborada com limitação do léxico. Diferentemente dos participantes da cultura de alta tecnologia, cuja fala é mais organizada com estruturas sintáticas mais complexas e extensas.

Na oralidade primária, para se memorizar um conhecimento conceitual, fazia-se necessária a repetição em voz alta. Contudo, “essa necessidade estabelece uma conformação altamente tradicionalista ou conservadora, que, compreensivelmente, inibe o experimento intelectual” (ONG, *ibidem*, p. 52). Dessa forma, é possível afirmar que nas culturas orais não se criavam novas histórias, embora novos elementos pudessem ser introduzidos por narradores competentes.

As sociedades de cultura oral primária valorizavam as expressões tradicionais, que deviam ser mantidas intactas e somente com a repetição do que já fora dito, com a redundância, era possível algo parecido com o ler novamente um trecho que não fora compreendido.

Enquanto na oralidade de uma cultura oral o conhecimento era mantido e recuperado através da repetição de estruturas formulares na interação social, numa sociedade de oralidade secundária, tal processo é caracterizado pelo registro em livros e em outros artefatos tecnológicos.

De fato, a escrita liberta o ser humano da necessidade de uma técnica de memorização, e por isso, é criticada por Platão para quem

a escrita destrói a memória e enfraquece a mente, como observou Ong: “A escrita, diz Platão através de Sócrates, no *Fedro*, é inumana, pois pretende estabelecer fora da mente o que na realidade só pode estar na mente”. (*Idibidem*, p. 94)

Enfim, é possível observar que numa cultura essencialmente oral o pensamento fica preso à comunicação momentânea. E desse modo, a retenção de um conhecimento e a recuperação de um pensamento perdido ou mal compreendido constituem um problema, que só se resolve com padrões mnemônicos específicos, fundados na repetição e nas formas previamente estabelecidas ou estruturas formulares.

6. Considerações finais

Apesar da dificuldade em descrever com exatidão o que venha a ser a oralidade primária, uma vez que não se tem mais como estudá-la *in loco*, por não existir mais, foi possível perceber várias diferenças entre a oralidade primária e a oralidade secundária, a partir dos dados disponíveis e de elucubrações convenientes dos estudiosos citados.

Com o legado de Parry, de Lord, de Havelock entre outros e, sobretudo, com as considerações de Ong, foi possível concluir, por exemplo, que enquanto a oralidade primária desenvolve uma gramática pouco elaborada, a oralidade secundária apresenta mais variedade de léxico e estruturas sintáticas mais complexas e extensas.

Certamente, a diferença fundamental entre elas se refere ao conhecimento da base mnemônica do pensamento e da expressão comunicativa de cada uma das culturas. Tais processos de retenção do conhecimento devem determinar não só o léxico como também a sintaxe da respectiva língua.

Também atribuímos ao processo mnemônico o fato de os membros da cultura oral fazerem uso da repetição e das estruturas formulares, como bem observou Milman Parry em seus estudos.

A partir principalmente dos estudos de Milman Parry foi possível perceber que o uso de estruturas formulares era uma característica não apenas das obras de Homero, ou das criações literárias. Na verdade, o estilo formular é característica dos modos de pensamento e expressão de toda cultura oral primária, visto que era uma forma de tornar o trabalho da memorização, que, como observado, era a única forma de retenção e recuperação dos conhecimentos adquiridos, um pouco menos árduo.

Enfim, a análise de importantes estudos literários acerca da questão homérica, e de outras pesquisas de origem antropológica, é possível desenvolver uma reflexão acerca da oralidade primária e de seu processo de memorização de conhecimento, que se diferencia completamente da oralidade secundária, uma vez que esta sofreu várias mudanças a partir do advento da escrita.

Corroboramos Ong (*ibidem*), Goody & Watt (*Op. cit.*) e Botelho (*Op. cit.*) entre outros, que um novo homem surgiu com o advento da escrita e que ela tomou os pensamentos e as linguagens dos membros das atuais culturas tecnologicizados, porquanto tecnológicas são as sociedades atuais.

O presente artigo, não obstante, não esgota o tema; muito ainda temos que pesquisar. Logo, os subsídios para melhor se distinguir a oralidade primária da oralidade secundária aqui apresentados podem servir para eventuais reflexões sobre o tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTELHO, J. M. *Oralidade e escrita sob a perspectiva do letramento*. Tese Inédita (Curso de Doutorado em Letras – Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

_____. Oralidade e escrita, como práticas sociais. In: *Amarantes e Depois* – Revista da Pós-Graduação em Língua Portuguesa da FFP-UERJ, Ano I, n. 1, 2/2002, p. 57-74.

_____. A tecnologização da fala, sob a perspectiva do letramento. In: BOTELHO, J. M. (Org.) et al. *Estudos Reunidos: Linguagem, Literatura e Gramática*. Rio de Janeiro: Botelho, 2005, p. 11-8.

_____. O isomorfismo entre as modalidades da língua. *Cadernos do CNLF*, Ano VII, n. 7, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2003, p. 157-77.

CHAFE, W. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, D. R. et al (Eds.). *Literacy, Language and Learning: the nature and consequences of reading and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 105-23.

CHAFE, W.; DANIELEWICZ, J. Properties of speaking and written language. In: HOROWITZ, R.; SAMUELS, S. J. (Eds.). *Compre-*

hending oral and written Language. New York: Academic Press, 1987, p. 83-113.

CHAFE, W.; TANNEN, D. The relation between written and spoken language. [s.i.: s.n.], *American Anthropological Review Antropol.* 1987, p. 383-407.

GOODY, J.; Watt, I. The consequences of literacy. In: GOODY, J. (Ed.). *Literacy in traditional societies*. London: Cambridge University Press, 1968.

_____. *As consequências do letramento*. Trad. De Waldemar Ferreira Netto. São Paulo: Palistana, 2006. (Coleção Biblioteca Básica)

FÁVERO, L. L. et al. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

KATO, M. A. (Org.). *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. 2. ed., São Paulo: Ática, 1987.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *The savage mind*. Título Original em francês: *La pensée sauvage*, 1962. Chicago: UCP, 1966.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

ONG, W. J. *Orality and literacy: The technologizing of the word*. London: Methuen, 1982.

_____. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Campinas: Papirus, 1998.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

TANNEN, D. The oral/literate continuum in discourse. In: TANNEN, D. (Ed.). *Spoken and written language: exploring orality and literacy*. Norwood, NJ: Ablex, 1982b.